

Cerimônia de purificação

O escritor francês J.-M. G. Le Clézio viu Memórias do Cárcere em Cannes. E escreveu este artigo sobre a reinvenção da liberdade para a revista *Le Nouvel Observateur*.

As pessoas que vão e vêm, na rua, nas estradas, nas vielas por entre as casas. Elas querem ver, elas querem entrar, estreitam-se contra as vidraças. Nas alamedas, andam para lá e para cá, caminham sob as marquises do palácio de concreto, desaparecem, chegam outras. À noite, deslumbrados pelas luzes, os cavalheiros, sempre tão bem vestidos. E que lindas mulheres têm. São apressados, importantes, ocupados. Vão entrando, vão passando pelas barreiras e pelos uniformes dos guardas, ofuscados pelos *flashes*, sob os olhares dos que ficam do lado de fora...

Numa casa pobre, um homem espera sentado, envergando seu terno mais novo; a seu lado, a mulher, também vestida como se fosse a uma festa, os filhos, os amigos. Ele espera imóvel, como para uma foto de família, ou melhor, para uma cerimônia solene. Nós sabemos o que ele espera. Espera que venham prendê-lo. Mais tarde, vê-se o mesmo homem, sempre elegante, mas já tendo no rosto as marcas do desespero, na penumbra de uma moderna prisão no Rio, partilhando da vida absurda e do jogo político e de ambições dos outros presos políticos, entre essas paredes que se assemelham às paredes dos compartimentos sociais, entre essas grades que parecem as clausuras dos olhares. Mais tarde, quando a aventura parece estar no fim e o amor da mulher, como deve ser, parece ter vencido a barreira dos muros da prisão e o próprio Ramos acredita que irá enfim reencontrar a liberdade que lhe foi tirada sem a menor explicação, ei-lo num novo cárcere, a um só tempo mais belo e mais terrível: a Colônia, situada numa ilha tropical.

Aqui, toda a dignidade humana lhe é recusada, a ele e a todos os que entram nessa prisão de onde não se sai, como lhes informa aos berros o carcereiro-chefe — aqui não existem *direitos*, os que ingressam no cárcere devem abandonar toda esperança, pois não estão lá para se corrigir e sim para *morrer*.

No entanto, é ali, na privação e na violência da Colônia que Ramos encontra a dimensão humana, quando o homem é reduzido a um objeto votado ao ódio, à bru-



Carlos Vereza como Graciliano Ramos: a descoberta da dimen-



humana num mundo fechado cujos muros são o medo, a mentira, a subserviência, a injustiça.

talidade, à morte, ao mesmo tempo vítima e réu num mundo fechado, onde os únicos muros verdadeiros são o medo, a mentira, a subserviência, a injustiça. É ali que Ramos se torna um herói, à moda dos heróis sartrianos.

Ramos pode atingir essa grandeza porque essa prisão o libera de si mesmo. Quando os militares fascistas vêm prendê-lo, ele aguarda com esperança essa libertação da cadeia onde se sente aprisionado pelo cotidiano, mas até então isso não passa de um espasmo de escritor amargo. A prisão o liberta de outra forma, despoja-o até a ascese, mostra-lhe a verdadeira força que segura a sua mão quando escreve, o verdadeiro sopro que anima as suas palavras. Esse livro, que ele descobre dia a dia à medida em que o escreve, não mais na tranqüilidade de um gabinete de escritor mas em cima da terra que o fere, queimado de fome e de sol, debilitado pela doença, a cada dia mais perto dessa morte prometida pelo carcereiro-chefe aos detentos como liberação, esse livro deixa de ser a obra de um só homem para ser a de todos. Um por um, todos falam pela magia do escritor. Cada prisioneiro sabe que a sua única salvação é "entrar no livro". Superando as barreiras sociais, ideológicas, culturais, Ramos consegue sair da sua prisão, recusá-la. Sua arte já tem a força coletiva do mito, que revoga todos os poderes do mundo.

Eis as impressões que deixa *Memórias do Cárcere*, o belo filme do cineasta brasileiro Nelson Pereira dos Santos, de qualquer maneira o filme mais ambicioso desses primeiros dias do Festival. Uma impressão duradoura apesar da ambigüidade (também muito sartriana) desse diário, que faz lembrar um outro filme sobre o universo das prisões do turco Yilmaz Güney, *Yol* (que foi, com o filme de Bresson, o acontecimento marcante do Festival do ano passado).

Creio que a força deste filme está no fato de abordar um profundo tema do nosso mundo moderno, falando desse frágil bem do qual dependem nossa felicidade e sobrevivência — a liberdade. É verdade que, com um ano de intervalo, os dois filmes sobre a vida nas prisões vêm de países onde a liberdade é mais ameaçada, e que servem de parábola também aos países onde pensar não é crime e o direito precede a força. Nunca a prisão esteve tão presente, tão obsessiva, apesar de tudo aquilo que parece proteger-nos, e proteger as nossas liberdades. Vendo o filme de Nelson Pereira dos Santos, não podemos

deixar de pensar nas prisões, não as interiores mas as duramente reais, de que participa o mundo: as prisões do egoísmo, da fome, do endividamento, do racismo, do desprezo. É sobre estas que se organiza e se edifica a Colônia.

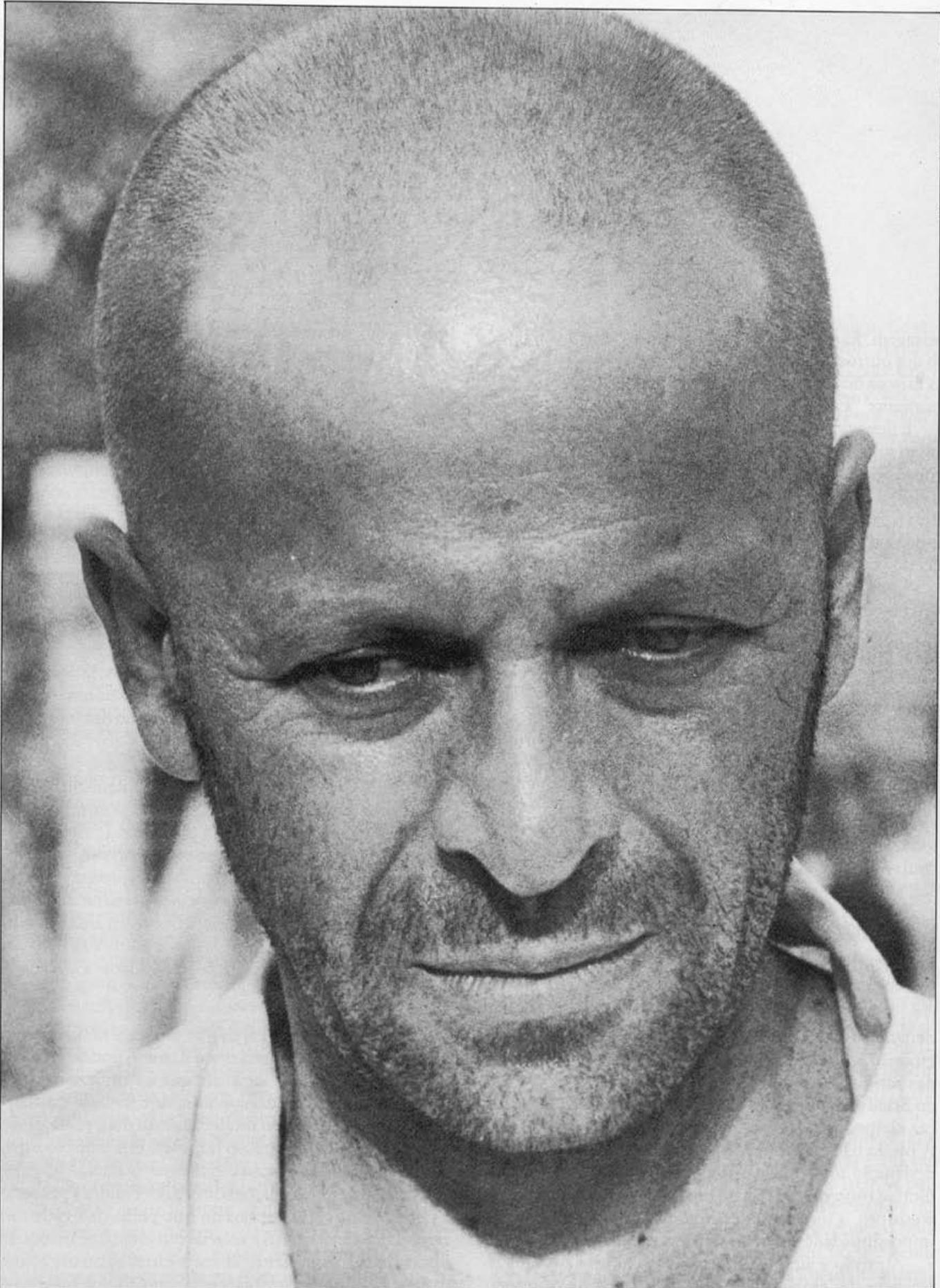
As prisões são o nosso espelho.

No grande estacionamento subterrâneo, os automóveis subitamente engarrafam, bloqueiam as saídas, consomem o ar. O medo, os gases, os tetos baixos. Em seguida, alguém levanta uma barreira e os carros se precipitam pela brecha.

Misturados aos presos comuns (os escroques, os ladrões, Gaúcho, o gatuno), os presos políticos gostariam de acreditar e fazer os outros acreditarem que eles são diferentes; no início, é o que tenta crer Ramos, cujo único

O livro de Ramos deixa de ser a obra de um só homem para ser a de todos. Um por um, todos falam pela magia do escritor. Sua arte tem a força coletiva do mito.

crime é pensar e escrever aquilo que pensa. Mais tarde, na promiscuidade da Colônia, ele descobre pouco a pouco o que o separava, o que o exilava em sua condição de intelectual, de burguês liberal. Idealizada por Nelson Pereira dos Santos, a provação da colônia penal deixa de ser violência inútil e terrível, torna-se uma espécie de cerimonial de purificação — a cerimônia que Ramos parecia esperar envergando o seu terno mais elegante, quando aguardava os soldados virem prendê-lo — é uma aventura nos limites da condição humana, onde os atos mais insignificantes e mesquinhos assumem de repente valor exemplar. Assim como Gaúcho toma posse de um colchão de palha que fica vago, urrando como um animal



Vereza/Ramos na Colônia: as prisões são nosso espelho.

selvagem, Ramos, que comprou esse catre, tenta defendê-lo dos outros, proferindo palavras que são uma caricatura raivosa do instinto mais forte e menos honrado do ser humano: "Eu sou proprietário!".

É nessa realidade desumana da prisão que Ramos, homem solitário e orgulhoso que sempre recusou compromissos e comprometimentos, descobre a única salvação, a vitória contra todos os aprisionamentos. Seu testemunho é muito mais do que uma vingança, é o único laço ainda capaz de unir os homens contra a força e a violência dos carcereiros.

Como no filme de Yilmaz Güney, o cárcere de Nelson Pereira dos Santos é uma reprodução fiel da sociedade que encarcera. Os condenados e degradados sem esperança à morte são aqueles que a sociedade dos poderosos não deseja proteger, aqueles que ela já havia con-

*A liberdade está ameaçada.
E o papel do criador é
menos procurar a perfeição
nos seus sonhos do
que permitir a cada um
exorcizar os seus muros
e os seus carcereiros.*

denado, sem recurso, ao delito. Estes estão aquém da linguagem, aquém da cultura. No filme de Nelson Pereira dos Santos, os pobres, os loucos, os negros, os enfeitados do Brasil de antes da Guerra. No filme de Güney, as crianças, despedaçadas antes mesmo de ter uma identidade. A prisão não é apenas a privação do movimento: é uma destruição total, a vontade da classe dominante de ir às últimas conseqüências, pelo mutismo, o embrutecimento, o estupro, a tortura, a destruição da individualidade, a impossibilidade de qualquer revolta.

A prisão é ainda a destruição do tempo e do lugar. Imagens das embarcações com suas cargas de prisioneiros, no Rio e depois na ilha. Imagens do camburão que

faz viagens noturnas, de uma prisão à outra, no campo turco, levando sua carga de crianças prisioneiras.

O cárcere é o *no man's land* onde mais ninguém tem endereço, rosto ou nome. Ao escrever o seu livro sob o olhar de Nelson Pereira dos Santos (este livro que existe em todo filme como um sonho), o cronista Ramos reinventa a liberdade, feita de nomes, lugares e moradas: os nomes dos homens que terão de novo um lugar, que voltarão a ter um futuro apesar da morte que os espera. "Você é tão rápido", diz-lhe o guarda. Participando deste livro ideal, os presos já saíram da Colônia.

As pessoas que vão e que vêm, o barulho dos passos na calçada, o burburinho, os carros que passam, as florestas de pernas. Em Nice, debaixo dos arcos da praça Garibaldi, a jovem perdida, de uns quatorze anos, talvez, pede esmolas, depois abre as mãos e mostra um rato branco, que faz as crianças rirem...

O cinema é a liberdade, vive exclusivamente dela, para ela. Coisa estranha, parece, pois, de todas as artes, é a mais frágil, sujeita a tanta violência por parte do mundo do dinheiro, dos políticos, dos censores, e tão fugaz, tão facilmente vítima do esquecimento, da injustiça, da calúnia. É, no entanto, a arte que melhor exprime a liberdade de ser, de pensar, de desejar, a liberdade de criar, a liberdade da linguagem, da imagem. É também a mais perigosa, a mais eficaz, a arte que pode matar a liberdade em nome da liberdade.

É esta liberdade em ação que nos mostra Nelson Pereira dos Santos, e por isto o seu herói só poderia ser um seu duplo, esse criador de mitos que é Ramos, o escritor. O humanismo do cineasta brasileiro é feito de esperança, a esperança de que o intelectual não mais se aliene do mundo que o emociona e o faz viver. Em todos os lugares (e não apenas no Brasil de antes da Guerra) a liberdade está ameaçada, e o papel do criador é menos procurar a perfeição nos seus sonhos do que permitir a cada um exorcizar os seus muros e os seus carcereiros. Cinema de liberação de ritmo lento, às vezes excessivamente lento, mas sem qualquer complacência, apoiado na força e no comedimento do ator Carlos Vereza (...).